Anno de 1845. Terça feira 30 de Dezembro. Anno XXI N. 291.

O DIARIO publica-se todos os dias que não forem de guarda: o preço da assignatura he de 4$ rs. por quartel *pagos adiantados*. Os annuncios dos assignantes são inseridos a razão de 20 réis por linha, 40 rs. em typo differente, e as repetições pela metade. Os que não forem assignantes pagão 80 rs. por linha, e 160 em typo differente.

PHASES DA LUA NO MEZ DE DEZEMBRO.

Crescente a 6 aos 33 minutos da manhã.
Lua cheia a 13 as 4 hor. e 23 min. da tard.
Mengoante a 21 as 9 hor. e 8 m. da tarde.
Lua nova a 28 as 3 h. e 53 min. da tarde.

PARTIDAS DOS CORREIOS.

Goianna, Parahyba, e Rio Grande do Norte Segundas e Sextas feiras.
Cabo, Serinhaem, Rio Formoso, Porto Calvo, e Maceyó, no 1.°, 11 e 21 de cada mes.
Garanhuns e Bonito a 10 e 24.
Boa-Vista e Flores a 13 e 28.
Victoria nas Quintas feiras.
Olinda todos os dias.

PREAMAR DE HOJE.

Primeira as 6 h. e 6 min. da manhãa.
Segunda as 6 h. e 30 minutos da tarde.

DIAS DA SEMANA.

29 Segunda S. Thomaz, aud. do J. dos orp. do J. do C. da 2. v., e do J. M. da 2. v.
30 Terça S. Sabino, aud. do J. do civ. da 1. v., e do J. de paz do 2. dist de t.
31 Quarta ✠ S. Silvestre. Festa da Senhora do Monte na sua igreja em Olinda.
1 Quinta ✱✱ Circumcisão Senhor. S. Almachio.
2 Sexta S. Izidoro, , aud. do J. do civ. da 1.ª v., e do J. de paz do 1. dist. de tard.
3 Sabbado S. Antero, aud. do J. do civ. da 1. v., e do J. de paz do 1. dist. de tard.
4 Domingo S. Priscilliano.

CAMBIOS NO DIA 29 DE DEZEMBRO.

Camb. sobre Londres, 27 ½ d. p. 1$ a 60 d.
» » Pariz 347 réis por franco.
» » Lisboa 112 p. c. pr. p. m.
Desc. de let. de boas firmas 1 ½ p. % mez.
Ouro - Onças hespanholas 30$200 a 30$500
» Moeda de 6$400 vel. 16$200 a 16$400
» » de 6$400 nov. 16$200 a 16$500
» » de 4$000 . . 8$600 a 8$800
Prata - Patacões . . . . 1$900 a 1$920
» Pesos Columnares . 1$920 a 1$940
» Ditos Mexicanos . . 1$880 a 1$900
» Prata miuda . . . 1$680 a 1$720
Acções da C.ª do Beberibe de 50$000 ao par.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

PARTE OFFICIAL.

Governo da provincia.

EXPEDIENTE DO DIA 20 DO CORRENTE.

Officio — Ao commandante das armas, scientificando-o do haver feito constar ao governo imperial a apresentação de Francisco de Paula de Albuquerque Grillo, capitão do 1.° batalhão de caçadores de 1.ª linha, que, por excesso de licença, fôra classificado desertor.

Dito — Ao director do arsenal de guerra, ordenando, faça recolher á companhia de artifices as 13 praças, á ella pertencentes, que havião expedicionado para as Alagoas, e d'alli chegárão no *Guapiassú*.

Dito — Ao inspector do arsenal de marinha, intelligenciando-o de ter mandado fornecr pelo de guerra os 200 cartuxos embalados, que requisitou para o brigue-escuna *Andorinha*.

Dito — Ao major Manoel do Nascimento da Costa Monteiro, instando, para que acceite o cargo de presidente da administração do patrimonio dos orphãos, para que o nomeou, convencido de que entre as demais qualidades boas, que o distinguem, he mais que todas saliente a piedade, que tão necessaria se torna ao bom desempenho de tal cargo, e da qual deo S. mc. provas durante os cinco annos, por que presidio a administração dos estabelecimentos de caridade; e declarando, que, se semelhante instancia faz, he por estar persuadido, que, quando em qualquer cidadão se reconhece aptidão para algum cargo publico, he obrigação do governo aproveita-lo, e esforçar-se por conseguir, que, mesmo com algum sacrificio, se preste elle ao serviço, á que o chamão suas habilitações.

Portaria — Ao commandante do vapor *Guapiassu'*, determinando, ponha á disposição do chefe de policia desta provincia os oito sentenciados, que trouxe das Alagoas -- Recommendou-se ao chefe de policia, que conservasse esses sentenciados nas mais seguras prisões d'esta cidade, até que fossem reclamados.

IDEM DO DIA 22.

Officio -- Ao Exm. presidente das Alagoas, accusando recebidos dous officios demonstrativos do que alli occorreo sobre os objectos de armamento e equipamento do sargento da companhia de artifices d'esta provincia, Ernesto Jeronymo Gonçalves dos Santos, e dos soldados da mesma companhia, Antonio de Barros Barboza e Antonio Mauricio Bezerra. -- Remettêrão-se ao director do arsenal de guerra os supracitados officios.

Dito -- Ao engenheiro em chefe das obras publicas, concedendo a quota de 150$ rs. para diversos reparos, que o chefe de policia requisitou, se fizessem na cadeia d'esta cidade, e para os quaes não se tinha orçado nem marcado quantitativo. -- Communicou-se a thesouraria das rendas provinciaes e a inspecção fiscal das obras publicas.

Dito -- A' administração dos estabelecimentos de caridade, determinando, faça receber no respectivo grande hospital o alienado Jeronimo Antonio Rodrigues. — Participou-se ao chefe de policia, á vista de cuja requisição se expedio esta ordem.

Dito -- Ao coronel chefe nomeado para a legião da guarda nacional de Nazareth, convidando-o a vir ou mandar por procurador prestar juramento para poder entrar em exercicio do seu posto, em que se acha titulado.

Dito -- Ao inspector do arsenal de marinha, ordenando, que com o mestre do brigue nacional *Minerva* ajuste passagem, té o Maranhão, para o Alferes do 4.° batalhão de caçadores de 1.ª linha, Francisco José da Silva e Araujo, e sua familia. -- Communicou-se ao Exm. presidente do Maranhão; e declarou-se ao agente das barcas de vapor, que, por não ser possivel, que o dito alferes demorasse a sua viagem ao Pará, té que chegasse do Sul algum vapor, e por não haver presentemente no porto embarcação alguma, que se destinasse áquella provincia, contratou-se a passagem para o Maranhão, afim de seguir d'alli para o seu destino.

Dito -- A camara municipal de Goianna, accusando recepção da conta da respectiva receita e despeza no anno findo, e do orçamento para o anno futuro.

IDEM DO DIA 23.

Officio -- Ao juiz relator da junta de justiça, transmittindo, para obter sentença final, o processo do soldadó da companhia provisoria da Parahyba, João Nepomuceno.

Dito -- Ao commandante do brigue escuna *Andorinha*, determinando, que mande continuar no abono de comedorias aos ex-soldados, que conduzio do Rio de Janeiro.

Dito -- Ao doutor Joaquim Antão de Sena, concedendo a dispensa, que, por ter de retirar-se para o Rio Grande do Norte, solicitou, do cargo de medico adjunto do concelho geral de salubridade d'esta cidade —Participou-se ao presidente do mesmo concelho.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

A DESPEDIDA DO ANNO.

Chegamos ao termo de 1845! e qual o nauta, que no fim de tormentosa singradura observa a athmosphera e não descobre no horisonte um ponto esperançoso, que prometta a volta da bonança, tal nos parece antolhar nosso futuro ao dar cabo da insana tarefa de um periodo, que tão adverso se mostrou, que tantos males desfechou sobre o malfadado Pernambuco, tão esquecido, tão desamparado de quem mais amor por certo lhe devia.

Surgirão novos dias e com elles a ventura! sim! Nem a esperança póde morrer jamais no coração do homem; mas, ao examinar os effeitos desastrosos dessa ominosa administração, que, ha dous annos, abate e desola o paiz, que lhe fôra entregue se não florescente ao menos satisfeito, ao reflectir na profundidade e hediondez das feridas, que os homens ora no poder, por elles reduzido á um odioso e pesado jugo, teem feito com certeira e desapiedada mão nos membros mais vitaes do corpo social, o homem pensador não póde deixar de lastimar tanta cegueira, de verter tanto mais amargo pranto, quanta he a desconsolação, que por toda a parte encontra.

Longe de nós o pensamento de percorrer com os nossos leitores, ponto por ponto, o horrivel quadro das desgraças, que em partilha nos couberão neste anno fatal, que concluimos; para os que amão o seu pais, escusado he recordar-lhes a lembrança de factos, que por sua repetição quasi nunca interrompida, são tão presentes, como se neste momento se houvessem succedido: nosso intento se limita a consignar neste numero, que fecha o vigesimo primeiro anno da existencia do nosso periodico, que esse anno foi um dos mais aziagos, que temos percorrido; que nos outros os males, que elles nos trouxerão talvez nascião mais dos prejuizos, da ignorancia, das pretenções absurdas, ou exageradas de algumas classes da sociedade, mas neste, todos os males nos vierão do governo, todos nos teem sido infligidos, ou por elle, ou em seu nome, e com sua autoridade; porque neste anno a influencia governativa decifrou-se em impulsos de clubs conspiradores, em actos de verdadeira traição á monarchia, em ataques acintosos á moral publica, em inversão de todos os principios de ordem

E como não he possivel esquecer tantos males, tantos crimes, lancemos o anathema sobre os seus causadores e perpetradores. Maldição eterna sobre todos esses monstros, que com tanto afan e malvadeza teem cavado a ruina do edificio social.

O dia 31 de dezembro he um d'esses dias, em que a mor parte dos habitantes d'esta cidade soe abandona-la, para, de todo entregne á uma bem entendida liberdade, passar algumas horas cheias de prazer em um dos lugarejos da tão bella e tão pouco apreciada Olinda, denominado -- Monte, - onde ha uma capellinha, pertencente ao mosteiro de S. Bento, cuja Padroeira costuma ser festejada no ultimo dia de cada anno. O commerciante, o empregado publico, o artista, o jornaleiro, todos para alli se dirigem: e não pequeno he o numero dos que, na falta de casa, onde se recolhão, abrigão-se á sombra de copadas arvores, e ahi entregão-se á mais completa folgança, pouco se importando de serem observados, e de a ninguem poderem ocultar a menor de suas acções, pois que teem consciencia de que então he tudo dispensavel, e cada um dos concurrentes cuida mais de divertir-se, do que de prescrutar os actos alheios.

A' vista, pois, d'isto, temos resolvido fechar o anno com o presente numero, a não apparecerem materias tão importantes, cuja prompta publicação nos obrigue a desviar do proposito, e a fazer esforços para remover a difficuldade de obter trabalhadores, que nessas occasiões tomão parte no jubilo geral.

Publicação a pedido.

CEARA'.

Resultado da votação para deputados provinciaes.

	Os Senhores.	Votos
1	Doutor José Lourenço de Castro e Silva	591
2	Capitão-mór Joaquim José Barboza	556
3	Vigario Domingos Carlos de Saboia	527
4	Commandante superior Joaquim Mendes da Cruz G.	509
5	Doutor Hypolito Cassiano Pamplona	507
6	Francisco de Paula Martins	505
7	Manoel José de Albuquerque	497
8	Doutor Antonio Henriques de Miranda	482
9	Doutor Marcos Antonio de Macedo	449
10	Francisco José de Mattos	444
11	Major Thomaz Lourenço de Castro e Silva	443
12	Doutor João Francisco de Lima	426
13	José Joaquim da Silva Braga	413
14	João Franklim de Lima	400
15	Ignacio José Rodrigues Pessoa	395
16	Doutor Filippe Raulino	394
17	Doutor Theophilo Rufino Bezerra de Menezes	379
18	Ignacio Ribeiro Bessa	358
19	Manoel José de Vasconcellos	356
20	Geraldo Correia Lima	356
21	Doutor Thomaz Pompeo de Souza Brasil	350
22	José Raymundo Pessoa	340
23	Reverendo Justino Furtado de Mendonça	334
24	Padre João Barboza Cordeiro	329
25	Reverendo José Ferreira Lima Sucupira	309
26	» » de Sà Barreto	309
27	Antonio Laurianno Ribeiro	308
28	Reverendo José Antunes de Oliveira	307

Supplentes.

1	Reverendo Joaquim Domingues Carneiro	303
2	Manoel Delermando Paes	292
3	Francisco Paulino Galvão	288
4	Doutor Manoel Francisco Ramos	280
5	Doutor Canuto José da Costa Lobo	263
6	José Joaquim Fiuza Lima	261

Variedades.

A NOUTE DO ANNO NOVO.

SONHO

por J. P. Richter.

Meia noute soou — ia começar um anno novo; eis que em pé junto á sua janella, um ancião elevava seus olhos a brilhante e immudavel abobada dos céos — seus olhos, onde a tristeza e a desesperação se debuxavão; outras vezes os baixava sobre a pacifica e silenciosa face da terra. Nenhum mortal era como elle privado da alegria e do somno; porque perto lhe estava seu tumulo coberto do gelo da velhice, e a verdura da mocidade tinhase esvaecido. De todos os seus haveres, de sua inteira vida, restavão-lhe apenas erros, faltas, doenças, um corpo caduco, uma alma myrrhada, um coração embebido de pesares, e uma decrepitude gemendo sob o peso dos remorsos. Nestes tristes momentos, os felizes dias de sua juventude ante elle se offerecião como vãos fantasmas, e lhe recordavão essa deliciosa madrugada, em que seu pai, conduzindo-o pelo caminho da vida, o desamparou á entrada de duas sendas: á direita, a da luz e da virtude guiava para uma região remota e tranquilla, onde scintilla um eterno e fulgurante lume; região coberta de risonhas searas, habitada por anjos. A' esquerda abria-se a estrada das trevas, o rapido caminho do erro e do vicio, que se vai perder n'uma sombria caverna, cuja abobada distilla peçonha: alli se ouvem sibilar serpentes hediondas, lá existe constante uma escuridão profunda, cujo vapor soffocante augmenta os horrores. O ardor da idade e a irreflexão o arrastrão por esta funesta via.

Subito as serpentes se enroscão em torno a seu peito, um toxico ardente cahe gotta a gotta em sua lingoa; reconhece então, em que abysmo se tinha deixado precipitar. Fóra de si, lacerado o coração de uma dôr pungente, levanta os olhos ao céo, exclama: O' meu Deos! volvei-me os dias de minha juventude! O' meu pai! reconduzi-me á entrada das duas sendas! eu te prometto, eu te juro de fazer melhor escolha.

Mas muito tempo havia, que seu pai e sua juventude estavão longe delle. Vio dous meteoros agitarem-se por cima dos lodoçaes e extinguirem-se no cemiterio; e disse: são estes os dias da minha loucura. Vio uma estrella deslizar-se do céo, fuzilar um instante em sua queda, esvaecer-se na terra; e disse: he esta a historia da minha vida. E o seu coração dessangrava-se, e a serpe do arrependimento devorava-lhe o peito, e embebia seu dardo até ao intimo de suas feridas.

Sua mente alienada via somnambulos voltejar sobre os tectos; gyrar os braços ameaçadores de um moinho de vento, que parecião querer esmaga-lo; e no fundo de um sepulcro semi aberto vislumbrava um espectro solitario, que se revestia insensivelmente de suas feições: e mil pensamentos horrendos lhe vinhão opprimir sua alma Eis que de repente o som dos sinos, que saudão a aurora do anno novo, fere seus ouvidos como o echo de um cantico longinquo. Uma suave commoção lhe penetra o peito. Seus olhos discorrem pelo immenso horizonte, que se espraiava ante elles, e fixão-se na vasta superficie da terra. Então pensa nos amigos da sua mocidade, que, mais felizes, mais virtuosos do que elle, pais de afortunados filhos, de homens cobertos de bençãos, são o modelo e as delicias do genero humano: e exclama: Eu tambem, virtuosos amigos, poderia como vós, com um coração puro e sem remorsos, dormir esta primeira noute do anno nos braços do somno, se assim o quizesse. E eu tambem poderia ser feliz, ó meu pai, se tivesse satisfeito vossos votos de bons annos, se tivesse seguido vossos conselhos.

FOLHETIM.

A RAINHA MARGOT. (*)

POR Alexandre Dumas.

SEGUNDO VOLUME.

CAPITULO IX.

O CORPO DE UM INIMIGO MORTO CHEIRA SEMPRE BEM.

(Continuação).

Enganamo-nos, quando dissemos no precedente periodo que ninguem ficára no patibulo. Um gentilhomem montado em seu cavallo preto, e que sem duvida não podéra, ao tempo em que era honrado com a presença dos principes, contemplar á vontade esse tronco informe e denegrido, ficára alli por derradeiro, e se divertia em examinar miudamente cadeias, ganchos, pilares, a ferro em fim, que por certo lhe parecia, a elle que chegára á Paris ha poucos dias e ignorava os aperfeiçoamentos que em todas as cousas põe a capital, o modelo de tudo que o homem póde inventar de horrivelmente feio.

Escusado he diser aos nossos leitores que este homem era o nosso amigo Cocannas. Certos olhos experientes de mulher em vão o havião procurado por entre a cavalgada, e tinhão perpassado as fileiras sem poder acha-lo.

M. de Cocannas, como dissemos, estava em extase ante a obra d'Enguerrand de Marigny.

Não era porém só essa mulher a procurar M. de Cocannas. Outro gentilhomem notavel pelo seu gibão de setim branco, e engraçada pluma, depois de olhar para diante e para os lados, lembrou-se de voltar-se para trás, e vio a gigantesca figura de Cocannas desenhar-se no horisonte afogueado dos ultimos reflexos do sol.

Então o fidalgo da roupa de setim branco deixou o caminho seguido por toda a tropa, tomou um trilho, e descrevendo uma curva voltou para o cadafalso.

Quasi ao mesmo tempo a duquesa de Nevers chegou-se á Margarida, e disse-lhe:

— Ambas nos enganamos, Margarida, porque o Piemontes ficou atrás e M. de La Mole o seguio.

— Com os diabos! exclamou Margarida rindo-se, então vamos ter cousas. Por minha fé, confesso, que estimaria ter de mudar de opinião a seu respeito.

E voltando-se vio que com effeito as cousas se passavão como temos dito.

Forão então as duas princesas que tiverão de desviarse da fileira: era favoravel a occasião; porque voltava-se um caminho bordado de altas cercas, que subindo passava na distancia de trinta passos do patibulo. Madama de Nevers disse uma palavra ao ouvido do seu capitão das guardas, e Margarida fez um signal a Gillonne, e estas quatro pessoas forão pelo caminho de traves embuscar-se por trás da moita mais proxima do lugar onde se ia passar a scena, de que parecião querer ser espectadores. Havia desse lugar trinta passos, como dissemos, ao ponto em que Cocannas, extasiado, gesticulava ante o cadaver do almirante.

Margarida apeou-se, madama de Nevers e Gillonne fiserão outro tanto; o capitão reunio as redeas de todos os cavallos. Uma relva fresca e bem cerrada offerecia ás tres damas um assento, como o desejão princesas muitas veses inutilmente.

Um claro que havia na moita junto á qual se achavão, lhes permittia não perderem a menor circumstancia.

Havia La Mole descripto o seu circulo, e fôra á passo collocar-se por trás de Cocannas: ahi estendeo o braço, e bateu-lhe no hombro.

O Piemontez voltou-se.

— Oh! com que não era sonho, viveis com effeito ainda?

— Sim, Sr., respondeo La Mole, sim, ainda vivo. Não he por vossa culpa, mas em fim vivo.

— Com os diabos! bem vos conheço, replicou Cocannas, apezar do vosso rosto pallido. Ereis mais corado a ultima vez que nos vimos.

— E tambem eu vos conheço, disse La Mole, não obstante essa linha amarella que vos corta a cara, creis mais pallido do que isto, quando vo-lo-fiz.

Cocannas mordeu os beiços; mas decidido, ao que parece, a continuar a conversação no tom da ironia, continuou:

— Não acheis curioso, M. de La Mole, principalmente para um huguenote, poder encarar o Sr. almirante pendurado a este gancho de ferro? e haver gente tão exagerada que nos accuse de ter morto até os huguenotinhos de mama!

— Conde, disse La Mole inclinando-se, não sou mais huguenote, tenho a ventura de ser catholico.

— Ora esta! exclamou Cocannas rindo as gargalhadas, convertestes-vos, Sr. meu! Oh! que esperteza!

— Sr. conde, continuou La Mole ao seu serio e com a mesma polidez, eu tinha feito voto de converter-me, se escapasse á matança.

— Conde, replicou o Piemontez, he um voto muito prudente, e dou-vos por elle os parabens; não tereis feito ainda outros?

— Por certo que sim, Sr., fiz segundo, respondeo La Mole, affagando o cavallo com perfeita tranquillidade.

— Qual foi? perguntou Cocannas.

— O de vos pendurar alli, olhai, naquelle prego que parece esperar-vos abaixo de M. de Coligny.

— Como! disse Cocannas, assim buliçoso como sou?

— Não, Sr., depois de vos haver atravessado o corpo com a espada.

Cocannas tornou-se vermelho como a purpura, e os seus olhos verdes lançárão chammas.

— Então, disse elle, em tom motejador, naquelle prego?

— Sim, retrucou La Mole, naquelle prego.....

— Não tendes bastante altura para isso, meu pequeno Sr., disse Cocannas.

— Então montarei sobre o vosso cavallo, meu grande mata-gente, redarguio La Mole. Ah! vós julgais, meu charo Sr. Annibal de Cocannas, que se póde impunemente assassinar a gente sob o leal e honroso pretexto de serem um contra um; não, não! Um dia chega em que a gente encontra o seu homem, e eu creio, que esse dia he chegado hoje. Bem vontade teria eu de vos arrebentar a feia cabeça com um tiro de pistola; mas o que! acertaria mal; porque tenho ainda tremula a mão das feridas que como traidor me fizestes.

— A minha feia cabeça! urrou Cocannas saltando do cavallo. A terra! eia! sus! Sr. conde, vamos a ellas.

E desembainhou a espada.

— Parece-me que o teu huguenote disse — feia cabeça —, murmurou a duquesa de Nevers ao ouvido de Margarida; pois tu o achas feio?

— Elle he encantador! disse Margarida rindo-se, e sou obrigada a dizer que o furor torna injusto M. de La Mole; mas silencio! Observemos.

(*) Vide *Diario* n.° 290.

ILEGÍVEL

Agitado por tristes recordações de sua juventude, julgava vêr o espectro, que se havia revestido de suas feições, dispôr se a sahir da sepultura. Prestes, com effeito, este espectro tomou a sua vista humanas formas; anima se, he um mancebo, — este espectro he elle mesmo.

O desgraçado não póde mais supportar tal espectaculo: cobre o rosto com as duas mãos. torrentes de lagrimas correm-lhe dos olhos e vão se perder no gelo: privado de toda a consolação, cedendo ao excesso de seu infortunio, póde apenas exhalar alguns debeis suspiros.

Volve, dizia elle com uma voz amortecida, volve ó juventude! volve...

E a juventude volveo; porque sua velhice e seus terrores só erão um sonho horroroso: elle estava ainda na flor da idade; mas seus erros não erão sonho. Deo graças a Deos, porque ainda joven podia abandonar a desastrosa estrada do vicio, e seguir a senda da luz, o caminho da virtude que conduz a essas deliciosas plagas, onde mora a abundancia e a felicidade.

Segui o seu exemplo, ó mancebos, que como elle vos achais no caminho do erro. Este sonho horrendo será no porvir o vosso juiz, e se vós tiverdes um dia de gritar gemendo: volve bella juventude! volve... ella não volverá.

———

CEREMONIAS FUNERAES EM DIVERSOS PAIZES.

Por mais barbaro que seja, não existe um só povo, que deixe de consagrar respeito aos mortos, ainda que este sentimento se manifeste as mais das vezes por um modo singular. Ordinariamente he entre as nações meio-civilisadas que os funeraes se celebrão com mais estrondo e pompa. Entre os *Arabes* do deserto os parentes proximos vão a pés descalços atraz do feretro; as mulheres destranção os cabellos e cobrem de cinza a cabeça: carpideiras mercenarias affectão dor e consternação. Commemorão-se as virtudes do defunto, mesmo quando as não tiverão; e ao voltar da ceremonia dá-se uma merenda, que se repete até seis vezes, á qual não faltão as carpideiras assalariadas. Os prazos marcados para estes banquetes funebres são o terceiro, o quinto, o nono, o decimo-quinto e o quadragesimo dia. Decorridos seis mezes, e depois destes, outros seis, teem lugar os ultimos festins em memoria do fallecido. Entre os *Biscainhos*, e n'outros lugares, era estylo em outro tempo que as mulheres dessem grandes gemidos e uivos no acto dos funeraes; arrancando os cabellos e magoando o rosto. Na Circassia os homens ferião a cabeça com açoutes.

Algumas povoações da America e do mar Pacifico enterrão, nas exequias dos reis e de personagens importantes, alguns de seus escravos, immolando-os sobre o tumulo; e assim he que entre os *Romanos* a morte de uma grande personagem era celebrada por combates de gladiadores. Na antiguidade muitos povos queimavão os cadaveres, e tal era o uso dos Gregos, dos Romanos, dos Gaulezes e dos Scandinavios. Estes ultimos encerravão as cinzas dos mortos em urnas grosseiras, e as enterravão e cobrião depois de um montão de terra afeiçoando um tumulo, ou de pedras toscas. Encontrão-se ainda no Norte alguns destes monumentos grosseiros, que, na ausencia da arte, devião ter custado muito esforço e paciencia: achão-se ás vezes nestas urnas restos de collares de contas, ou de coral; anneis, armas cortantes, feitos de pedra durissima, e outros objectos pertencentes áquelles, que nellas descanção.

Nenhum povo talvez prestou, como os Egypcios, tanta attenção aos deveres para com os mortos: bem longe de destruir os corpos, os Egypcios tinhão feito da sua conservação uma arte levada a um alto grão de perfeição. Embalsamavão os corpos com esmero, para depô-los nas cavernas, e n'outros subterraneos praticados nos rochedos, á margem do Nilo. Fallecida a pessoa, era o corpo entregue aos embalsamadores, que lhe extrahião com destreza o cerebro e as entranhas, e injectavão no cadaver materias resinosas capazes de o conservar por todo um periodo de seculos. Envolvida em faxas, a mumia era assim collocada n'um feretro, mais ou menos adornado, ou n'um como estojo, que tinha igualmente a configuração da mumia. Pilhas destas mumias teem sido encontradas em cavernas proximas de Thebas; porém as dos reis occupavão concavidades particulares, abertas nas rochas, e cujas paredes são cobertas de esculpturas e pinturas, allusivas sem duvida á vida dessas personagens, ou então á sua religião Com effeito, vêem-se, não raras vezes, as divindades egypcias occupadas a julgar ou a recompensar um individuo, que lhes he apresentado, e o qual parece representar a alma do morto. As mumias egypcias são hoje um objecto de curiosidade para os povos modernos, e ha poucos gabinetes de antiguidades, que não possuão alguma cousa neste genero. Nos envoltorios das mumias encerravão-se alguns rolos de *papyrus*, cobertos de hieroglyphos e de figuras symbolicas, talvez para transmittir á posteridade um resumo da vida e acções do defunto; infelizmente a posteridade não tem a chave dessa esculptura mysteriosa. Enterravão-se tambem com a mumia escaravelhos imitados em jaspe, em granito ou em porfido, fructos, animaes embalsamados, instrumentos ou utensilios, indicando a condição ou profissão do morto; se era uma mulher, e rica, adornavão-na com as suas joias, e envolvião em faxas todos os seus membros, de modo que se manifestasse quasi toda a belleza das suas fórmas. Os caixões erão feitos de sycomoro, cobertos algumas vezes, por dentro e por fóra, com pinturas curiosas. Pedras lisas, gravadas de hieroglyphos, erão levantadas perto das mumias, para indicar tambem á que classe da sociedade pertencião ellas.

Em nenhuma outra parte do globo achamos tão minuciosos cuidados á bem de conservar os despojos mortaes das gerações, obrigadas pela lei da natureza á ceder o passo a novas gerações. Entretanto, o uso de embalsamar os corpos, ao menos os dos ricos e poderosos, era tambem praticado pelos *Mexicanos* e *Peruvianos*. Um povo insular e selvagem, os *Guanches*, indigenas das ilhas Canarias, cuja raça extinguio-se debaixo do jugo hespanhol, embalsamava os corpos, envolvia-os em pelles de animaes e depunha-os nas cavernas, onde foi encontrado um grande numero em tempos recentes.

Os Romanos limitárão-se a queimar os corpos, sem ceremonias, e a guardar as cinzas em urnas de marmore ou de pedra, encerrando depois estes vasos nos nichos dos monumentos, que se erigião nos caminhos publicos. A estrada Appia e outras, que partião da capital, estavão guarnecidas destes tumulos, do que inda se veem restos; e em toda a parte, onde os Romanos dominárão, erigirão lapidas sepulchraes, com inscripções áquelles de seus concidadãos, cuja memoria quiserão honrar ou perpetuar.

Nos paizes, em que os rochedos, faceis de abrir, offerecião tumulos naturaes, sempre os povos delles se servirão para suas sepulturas. Na costa da Africa, na Grecia, na Asia-Menor, na Palestina, encontra-se uma immensa quantidade de cellulas sepulchraes, hoje vasias, onde talvez foi enterrada uma serie de gerações. Que contraste entre estes povos, tão cheios de respeito para com os mortos, e os *Passis* ou *Guebros*, que abandonão os seus ás aves de rapina. Elles teem cemiterios, em que expoem os parentes ou amigos, que acabão de perder: e os passaros carnivoros veem devorar-lhes a carne, — os ossos são então recolhidos por estes barbaros Seguindo um uso tão estranho, longe estão elles de te-lo como indecoroso; mas antes creem que os honrão, fazendo-os desapparecer assim, em vez de os deixar de compôr-se na terra. Por um costume já não tão barbaro, as mulheres de algumas tribus da America-Septentrional suspendem em cestas, nos ramos das arvores, os filhos, que teem a desventura de perder.

Outras tribus da mesma região enterrão os seus mortos nas mesmas cabanas, em que elles habitárão. Na Nova-Zelandia os selvagens myrrhão algumas vezes os mortos em uma especie de forno para conserva-los depois como mumias, envolvendo-os em esteiras, e suspendendo-os dentro de canoas elevadas em lugares que nenhum selvagem ousaria profanar. Outras vezes, sepultão os mortos, e passado um anno desenterrão os ossos com ceremonias funebres, guardando-os em um cesto para suspende-los Os *Garrows*, selvagens da India, queimão seus mortos em uma especie de canoa, posta sobre a fogueira, tirão depois as cinzas, e as enterrão no mesmo lugar, e ahi elevão um casebre, rodeado por uma cerca. Ordinariamente terminão-se os funeraes com dansas e cantos, e uma embriaguez completa. Se o morto pertencia a classe distincta, cortão a cabeça a um dos seus escravos, e queimão-na com o defunto. Estas immolações de escravos praticão-se infelizmente entre muitos povos barbaros da Asia, Africa, &c.

Os Haityenses ricos, e os habitantes de outras ilhas fazem dos funeraes uma occasião de ostentar galas e luxo; as mulheres comparecem em multidão vestidas e calçadas de branco, trazendo cabeções amarellos e guarda-sóes côr de rosa.

Os *Judeus* observão um sem numero de ceremonias e estylos nos enterros; a maior parte, afim de evitar os máus presagios e de arredar os espiritos malignos. Na Polonia alugão-se carpideiras e cantoras: em outro tempo o som da flauta acompanhava os seus cantos: os velhos leem junto ao corpo passagens de seus livros sagrados. Ao despedir do sahimento os parentes do defunto-ou defunta, rasgão os vestidos: e tem-se tido antes o cuidado de cortar os cabellos ao morto. No acto do enterro, os mais proximos parentes fazem ouvir lamentações, despedação as vestes, e as trazem neste estado durante os primeiros dias. Se o defunto foi pai, seus filhos lanção pó e barro na bocca e nos olhos. O corpo he collocado de modo que a face fique voltada para a região, em que está situada Jerusalem. Nos sete primeiros dias depois do enterro, o viuvo conserva-se no chão sentado com os seus: não se lava, nem barbêa, nem trata de objecto algum mundano; deve até não corresponder á saudação daquelles, que veem consola-lo; se he pobre, he sustentado com esmolas. Passada a primeira semana póde concertar seus vestidos natos; mas, se a pessoa fallecida tem filhos, estes não concertão as rasgaduras. Em todo o primeiro anno ninguem comprimenta as pessoas, que estão de luto.

(G. B. D.)

ALGUMAS INVESTIGAÇÕES SOBRE OS METAES.

Estes corpos simples, quando puros, teem um certo grão de brilho, que lhes he proprio, são dotados de um peso consideravel e quasi completamente opacos: muitos annos inda não ha, que esta qualidade era mesmo julgada absoluta. Contavão-se já vinte e sete metaes, não pouco tempo anteriormente aos trabalhos da chimica moderna. Porém essas novas observações e theorias, em que ella se estriba, nos levão a admittir alguns outros á lista dos existentes; porque o nome *metal* he empregado hoje para designar a base das terras e dos alcalis; i e., estas substancias privadas do oxygenio. Devemos portanto accrescentar o bario, o potassio, o sodio, o calcio, o stroncio, o aluminio, o silicio, &c., e impossivel he denominar onde irá ter a nomenclatura dos metaes. Damos aqui a lista dos antigos metaes na ordem chronologica de sua descoberta. O *ouro* (sol dos alchimistas), a *prata* (lua), o *ferro* (Marte), o *cobre* (Venus), o *mercurio* (Mercurio), o *chumbo* (Saturno), o *estanho* (Jupiter), forão conhecidos destes tempos immemoriaes. O zinco foi indicado por Paracelso pelo anno de 1541; o bismutho, descripto por Agricola em 1520; o antimonio no seculo XV; o arsenico por Brandt, em 1733; o cobalto por Brandt em 1733; a platina, em 1741; o nickel por Cronstedt, em 1775; o manganeze, por Gahn e Schecle, em 1774; o scheelin ou tungsteno, em 1781; o tellurio, em 1782; o urano por Klaproth, em 1789; o titano, em 1781; o chromio, em 1797 por Vanquelin; o colmubio ou tantalo por Hatchett, em 1802; o palladio por Wollaston, em 1803; o rhodio por Wollaston, em 1803; o iridio por Descotis, em 1803; o osmio por Tenant, em 1803; o cerio, por Hisinger e Berzelio, em 1804.

Os metaes gozão de propriedades physicas mui notaveis; a *opacidade*, a *côr*, o *brilho*, a *densidade*, ou o *peso*, a *ductilidade*, a *malleabilidade*, o *cheiro*, o *sabor*, a *dureza*, a *elasticidade*, o *som* ou *sonoridade*, a *dilatabilidade*, a *estructura*, a *cristallisibilidade*, o *magnetismo*, os caraterisão entre todas as substancias, por um modo especial e saliente. Todos os metaes são solidos á excepção do mercurio, que se não solidifica a menos de 40 gráos centigrados abaixo do gelo. Deparão-se igualmente nos metaes propriedades, que entrão no dominio da chimica. Subjeitos á acção ou reacção de outros corpos, perdem ou soffrem modificações nas suas qualidades physicas. Estas modificações são produzidas ordinariamente pela acção do fogo, da electricidade, do gaz oxygenio secco ou humido, &c.; emfim, pelas affinidades reciprocas dos metaes puros entre si, e que os transformão em ligas diversas, dotadas de propriedades novas, muitas vezes do medio das propriedades primitivas, e não poucas sem o mais leve indicio dellas. Entre as substancias metallicas recentemente conhecidas, muitas ha, que a arte não conseguio ainda converter em massas compactas: mas, depois de se haver fundido a platina, que por tanto tempo se mostrou rebelde, he de esperar que estas novas substancias sejão por fim domadas pelo poder dos meios chimicos e sobre tudo por uma alta applicação do calorico. Muitos metaes se volatisão quando expostos a uma temperatura mais elevada, do que aquella que basta a fundi-los. — Os metaes, geralmente fallando, são os melhores conductores da electricidada e foi lançando mão desta propriedade, e applicando-a a seus fins, que o grande physico e philosopho Benjamin Franklin, chegou a roubar ao céo o raio assombrador.

D. C. L.

———

PARADOXOS PHILOSOPHICOS SOBRE OS CÃES. (*)

CAPITULO I.

Influencia dos cães sobre a litteratura.

A tradição commum a todos os povos, o dogma revelado por todas as religiões, que proclamão a decadencia do homem, prophetisão igualmente a rua rehabilitação. Nessa época, em que nossos pais percorrião livremente os vergeis floridos do Eden, suas mutuas communicações tinhão apenas por objecto o exercicio da benevolencia, e seus desejos, faceis de satisfazer, não lhes inspiravão a inveja nem lhes suggerião a ideia do crime.

A lingoagem de que se servião para exprimir suas emoções, seus sentimentos e vontades, devia limitar se ás exclamações, aos gestos, aos olhares: a dor, desconhecida para elles, o temor, os remorsos não lhes arrancavão surdos gritos, gemidos queixosos, que retinem nas cidades habitadas pela creatura decahida: os jardins magnificos, em que passavão seculos sem noute e sem inverno, resoavão com os canticos singelos e innocentes, em que louvavão o creador.

Os animaes obedecião por instincto a autoridade de um senhor sem caprichos, e que ignorava mesmo a sua superioridade: a mesma lei regia a todas as creaturas, e todas ellas concorrião em commum para o ornamento da terra: cada uma exercia livre e pacificamente a sua actividade sem ambição de privilegios, sem temor de usurpações. Os metaes mais preciosos, os crystaes mais brilhantes esplandecião sob os raios de um sol immovel, e a cobiça não ia arranca-los dos flancos das montanhas. O tigre fallava ao homem com seus olhares de fogo, as serpentes cruzavão os plainos para abrir caminho atravez das hervas folhudas. O cão lambia amorosamente a mão, que nunca o tinha maltratado. Mais eloquente em seus olhares, em sua voz, em seus movimentos, que a maior parte dos outros animaes elle devia então estar com o homem em sociedade habitual, e em communicação directa.

O homem, e só elle, ousou primeiro desconhecer seus deveres; as paixões penetrárão no coração; e essa eloquencia natural, fundada sobre sentimentos brandos e pacificos, e que se manifestava por movimentos graves e compassados, succedêrão esses gritos agitados, esses gestos impetuosos, essas corridas violentas, esses ardores desregrados, que desde então, sem exalta-lo em comparação dos outros seres, o distinguirão dentre todas as creaturas. Assim perdeo-se o uso dessa lingoagem primitiva, cuja simplicidade e graça commovia os rochedos e as plantas. Os animaes perseguidos pelo homem dissimulárão seus instinctos generosos, e refugiárão-se nas florestas onde o homem privado de armas naturaes não ousava expôr-se ás mordeduras dos reptis. O cão subjeitou-se aos perigos de uma associação, mas conservou no seu captiveiro os nobres privilegios da natureza primitiva. Ainda que partilha a sociedade do homem desde longos seculos, recusa adoptar seus vicios: permanece nas antigas usanças, que os progenitores da sua especie observavão nos amenos campos da creação primitiva Nada accrescentou a sua lingoagem mais que os lamentos e os gritos, que lhe arranca o soffrimento, Mas elle exprime ainda o seu prazer com vivos e ardentes impulsos manifesta a sua gratidão com olhares cheios de ternura: sua dedicação, sua obediencia, sua resignação, pintão se nos seus gestos, na sua voz. Elle ama, teme, goza sem fallar a lingoagem dos homens, e os homens o comprehendem. A lingoagem destes multiplica-se em suas formulas, e chega a ser diversa nas duas margens de um mesmo rio O cão entende os seus semelhantes e os seres de raça differente em todos os pontos da terra.

Porém, um sentimento secreto annuncia ao homem o retrocesso á sua vocação primeira. Um dia virá, em que a terra occupada por homens creados para um mesmo fim não conhecerá limites, que dividão a sua superficie: uma unica nação, a humanidade, celebrará as maravilhas do universo em uma lingoagem commum, e a eloquencia do cão servirá de modelo ás litteraturas sem numero, que parecem multiplicar o pensamento, quando, pelo contrario, esses instrumentos imcompletos e enganadores a dividem, a mutilão e a obscurecem.

CAPITULO II.

Influencia dos cães sobre os estudos psichologicos.

He nos traços da physionomia, que se manifestão os sentimentos do homem, e esta manifestação occorre muitas vezes sem o concurso da sua vontade A palavra, pelo contrario, segundo o dito celebre de um illustre diplomata, serve para encobrir o pensamento ou para contradizer a confissão exarada na sua physionomia. A palavra he o instrumento da natureza decahida ou civilisada: a physionomia exprime-se n'uma lingoagem franca e sincera como deve ser a da natureza ingenua. Aperfeiçoando a sua essencia moral, o homem abandonará o uso da palavra e aperfeiçoará a expressão do seu semblante.

Se o rosto do homem revela o estado da sua alma, a cauda do cão denuncia os seus sentimentos. O cão póde exprimir com as contracções da face as suas emoções, porém de um modo incompleto: todos os phenomenos da sensibilidade neste animal tem a séde na extremidade das vertebras dorsaes e no seu prolongamento movel, a que nós chamamos *cauda*: a natureza parece ter querido mostrar ao homem todos os elementos das impressões moraes, analysadas e resumidas no triplice movimento deste appendice articulado. Com effeito, a pena, o prazer e o espanto, que não he mais que um ponto intermedio entre os dous outros, pintão-se no abaixamento da cauda, na sua elevação e no seu balanceamento da direita para a esquerda: podem-se achar nesta observação as bases de uma classificação dos sentimentos e nos differentes gráos de intensidade dos movimentos da cauda do cão as categorias moraes graduadas segundo o methodo natural. A natureza, deo, portanto, aos cães uma cauda para se exprimirem; assim como dotou o homem de uma physionomia movel para apresentar externamente os movimentos de sua alma. O

(*) Fragmentos de um tratado sobre os animaes domesticos.

Com effeito, havia-se La Mole apeado com tanto vagar, como Cocannas havia sido rapido; havia desembainhado a espada, e ao por-se em pé, estava em guarda.

— Ai! fez elle ao estender o braço.

— Ui! murmurou Cocannas ao alongar o seu, — pois que ambos, como se devem recordar nossos leitores, estavão feridos no hombro, e doía-lhes a qualquer movimento mais activo.

Uma gargalhada mal reprimida sahio do matto. As princezas não havião podido conter-se inteiramente ao verem os dous campeões esfregarem a omoplata fazendo tregeitos. Essa gargalhada chegou aos ouvidos dos dous fidalgos, que ignoravão ter testemunhas, e que voltando-se reconhecêrão as suas damas.

La Mole tornou a pôr-se em guarda, firme como um automato, e Cocannas apresentou o ferro pronunciando o seu *com os diabos*, dos mais expressivos.

— Ora bem! he preciso pôr termo a isto; basta de gracejo. O lá, meus Srs., o lá!

— Deixa, deixa, disse Henriquetta, que ao vêr Cocannas no recto, esperava no fundo do seu coração, tirasse elle tanta vantagem de La Mole como havia tirado dos sobrinhos e filho de Mercandon.

— Oh! na verdade elles assim são muito bellos, disse Margarida; olha; como que respirão fogo.

E na verdade o combate, começado por motejos e provocações, havia-se tornado silencioso, logo que os dous campeões havião cruzado o ferro. Ambos receiavão das suas forças, e a cada movimento mais energico, erão obrigados a reprimir um estremecimento de dôr arrancado pelas antigas feridas. Com tudo La Mole, com os olhos fixos e ardentes, os labios meio-abertos, os dentes apertados avançava a pequenos passos, firmes, teso, sobre o seu adversario, que, reconhecendo nelle um mestre em armas, recuava, passo a passo, mas em fim recuava. Chegárão ambos deste modo á borda do fosso que os separava dos espectadores. Ahi, Cocannas como se a sua retirada fôra um calculo para se approximar da sua dama, parou, e aproveitando-se de uma distancia um pouco larga que La Mole deixára, com a rapidez do raio, atirou-lhe uma estocada, e no mesmo instante o gibão de setim branco de La Mole se embebeo de uma nodoa vermelha, que se foi alargando.

— Coragem! gritou a duqueza de Nevers.

— Ah! pobre La Mole! exclamou Margarida com um grito de dôr.

Esse grito, La Mole o ouvio: lançou á rainha um olhar, desses que penetrão mais profundos do que a ponta de uma espada, e enganando o seu contendor com uma cutilada em vão, enterrou-lhe no corpo o ferro todo.

Desta ves as duas damas soltárão dous gritos, que se fundirão em um só. A ponta da catana de La Mole havia apparecido ensanguentada por trás das costas do Cocannas.

Todavia nenhum delles cahio; ambos ficárão em pé, olhando um para o outro com a bocca aberta, sentindo cada um da sua parte que ao menor movimento que fizessem, lhes faltaria o equilibrio. Em fim o Piemontez, mais perigosamente ferido que o seu adversario, o sentindo que as forças lhe vão fugir com o sangue, deixou-se cahir sobre La Mole, e apertando-o com um braço, procurou desembaraçar o punhal com o outro. La Mole porém reunio as suas forças, ergueo o braço, e descarregou o punho da espada de tal geito no meio da testa do Cocannas, que este aturdido da pancada cahio; mas na queda arrastrou com sigo o seu contrario, e ambos rolárão no fosso.

Immediatamente Margarida e a duqueza de Nevers, ao verem que assim mesmo moribundos, procuravão elles concluir-se, se precipitárão ajudadas do capitão. Mas antes que la chegassem ja elles em uma convulsão suprema, davão mostras de estarem na hora derradeira, com os braços frouxos, e os ferros abandonados.

Uma grande poça de sangue lhes escumava em torno.

— Oh! bravo e valoroso La Mole, bradou Margarida, incapaz de conter por mais tempo a sua admiração. Ah! perdoa, sim, perdoa haver suspeitado de ti tão sem rasão!

E os olhos se lhe arrasárão de lagrimas.

— Ai de mim! murmurou a duqueza, esforçando Annibal..... Dizei, madama, dizei, vistes jamais dous mais intrepidos leões?

E desfez-se em soluços.

— Irra! que os golpes erão duros! disse o capitão procurando estancar o sangue que corria as golpadas.... O lá! vós que ahi vindes, chegai cá, mais depressa.

Com effeito descobria-se na neblina da noite uma especie de carroça encaminhada por um homem que cantava esta velha canção, que sem duvida lhe recordára o milagre do cemiterio dos Innocentes:

Bello pilriteiro em flôr,
Que vecejas,
Que verdejas,
E ao longo deste ribeiro
Desfructas como desejas
Os braços,
O amôr
D'essa videira silvestre:

Olha como o rouxinol,
Quasi implumo,
Do ciume
A' vos, responde da amada,
Que lhe acende ignôto lume
No peitinho,
E sózinho
Fas em ti grata morada!

Vive, pilriteiro, vive
Sempre assim;
Nunca o fim
De teus dias, algum raio
O tempo, machado ou vento
Possão dar
E a poiser
Vejas sempre algum......

— O lá! repetio o capitão, então! acudi, quando vos chamão! não vêdes que estes fidalgos teem necessidade de soccorro?

O homem da carrêta, cujo exterior repulsivo e rosto rude formavão estranho contraste com a meiga e pastoril canção que acabamos de citar, parou então o cavallo, desceo, e abaixando-se sobre os dous corpos:

— Eis-aqui umas bellas feridas, disse elle; mas eu faço-as ainda melhores.

— Quem sois vós então? perguntou Margarida, que não podia vencer certo terror, que della se apoderára.

— Senhora, respondeo esse homem fazendo profunda reverencia até o chão, eu sou mestre Caboche, verdugo do municipio de Paris, e vinha pendurar áquella forca alguns companheiros de M. de Coligny.

— Pois bem! eu sou a rainha de Navarra; deitai para ahi os vossos cadaveres, estendei na vossa carrêta as gualdrapas dos nossos cavallos, e conduzi com todo o cuidado, e acompanhando-nos, estes dous gentis-homens para o Louvre.

FIM DO SEGUNDO VOLUME.

(*Continuar-se-ha*).

MELHOR EXEMPL

seculo XVIII parece ter adivinhado as funcções reservadas á cauda; por quanto foi nesta epoca, na qual se jactavão os sabios de analysar a natureza humana com mais cuidado, que só introduzio o uso de fazer pender da cabelleira uma cauda artificial, ou de dispôr cabellos authenticos em fórma cylindrica por trás da cabeça: como se se tivesse esperado, com o auxilio deste instrumento, penetrar mais longe nas profundidades da alma humana. Mas, sempre que o homem lucta com a natureza, a victoria lhe escapa: as caudas não produzirão o desejado effeito, e o seculo XIX, proscrevendo este uso, não quer mais ser guiado, em suas investigações metaphysicas, senão pela cauda dos cães.

CAPITULO III.

Conjecturas sobre o estado da sociedade, se os cães fossem privados da cauda.

As maldições, que proferio todo o povo d'Athenas contra Alcibiades, por ter mandado cortar a cauda ao seu cão, provão, que o homem se interessa mais do que commummente se crê pela conservação deste orgão nos individuos dessa especie. Se considerardes ainda, que a nação, que assim manifestou seu sentimento a este respeito he a nação a mais policiada, e aquella, em que o gosto pelas bellas artes e pelas sciencias sociaes se desenvolveo no mais alto grão, convireis commigo em que esta sublevação unanime, por occasião da cauda de um cão, encerra um profundo pensamento politico.

O semblante do homem já o dissemos, representa o mesmo papel, que a cauda do cão: que seria, pois, da sociedade, que seria do homem, se, sem priva-lo da cabeça, o mutilassem na physionomia? Sucumbirião as bellas artes: os magistrados, que impõem respeito pela gravidade, sustentada e augmentada outr'ora pela sombra de uma immensa cabelleira cujo uso infelizmente abandonarão hoje, os magistrados occuparião na sociedade um grão subalterno, pois que a sua influencia sobre a sociedade teria soffrido uma modificação enorme. As paixões mais nobres, finalmente, o amor, que colhe as suas emoções nos traços do rosto do objecto amado, o amor, que se manifesta nos movimentos da physionomia, que lhe servem tambem de lingoagem, quando a mutua sympathia se tem declarado, o amor e os nobres impulsos as inspirações sublimes, suggeridas por elle, desapparecerião para sempre:

plus de amour, plus de joie ....

LA FONTAINE. — *Les deux pigeons.*

Pois bem: privai o cão da sua cauda, e tereis cortado da sociedade essa doutrina moral, que resulta, como o dissemos, do exame das oscillações desse orgão, que tem o direito, na ordem moral, á mesma consideração, que na ordem physica a pendula, cujo soccorro aproveita para medir o peso e determinar a figura da terra. E vós, gastronomos, para quem o caçador mercenario procura a caça fumegante; — adeos perdizes, patos, lebres e cabritos! — Vós emfim, ministerios fluctuantes, deputados sem clientes, projectos de lei sem apoio, que seria de vós sem esses subsidios civilisadores das consciencias timidas.

Porém, se attendermos ainda menos ás classes privilegiadas da sociedade, que assistem ás doutas lições das universidades, ou que achão desenvolvidos em sabios tratados os principios da sciencia moral e as suas deducções profundas; se considerarmos o lavrador, que passa a vida longe das cidades illustradas, e esses selvagens errantes, em plagas desconhecidas, veremos então aqui sobretudo a utilidade do cão: todo o lavrador possue o seu, cada uma tribu selvagem tem a sua matilha, e ahi com rasão são elles mais respeitados do que os livros e as bibliothecas entre nós: elles deixão crescer a cauda dos seus cães em toda a seguridade, e favorecem o seu desenvolvimento com enthusiasmo. Este animal fiel os acompanha á toda a parte, e quando viajão podem dizer como Bias — *Omnia mecum porto.*

(*Minerva Brasiliense.*)

Miscellanea.

ALGUMAS ÉPOCAS BRILHANTES DA HISTORIA DA CIDADE DE LUBECK.

Não posso lembrar-me da minha cidade natal sem uma certa tristeza e melancolia Lubeck he agora uma cidade de pouca importancia, tem pouco commercio, pouca riqueza, até poucos habitantes; a mesma cidade, que em seculos passados, em occasião de uma epidemia terrivel, podia perder 80,000 pessoas, tanto assim que no dia 10 de agosto de 1350 succumbirão 2500 doentes a este flagello, esta mesma cidade contém agora apenas 23,000 habitantes, esta mesma cidade, que combatia e vencia a Dinamarca, tão poderosa em batalhas por terra e mar, esta mesma cidade tem agora apenas alguns navios para fazer seu commercio muito limitado com a Suecia, Russia, Inglaterra e alguns outros paizes. A bandeira de Lubeck, antes tão temivel, se torna cada vez mais rara.

As ruas são quietas: apenas o porto offerece algum tumulo mercantil; assim a cidade tem o aspecto de uma rainha moribunda, que ainda conserva algumas lembranças da grandeza passada. Estas lembranças são a fórma repubublicano-aristocratica, a casa velha do senado, as cinco igrejas goticas, em parte das mais bellas, que se podem vêr. Porém a mais bella lembrança, que esta boa cidade póde deixar, he uma historia brilhante e grandiosa; os cidadãos simplices de Lubeck, os burgomestres e senadores erão guerreiros no tempo do perigo ou de salvar os queridos lares da republica, ou de morrer no campo. Assim Lubeck era respeitada no Norte da Europa, a sua bandeira tremulava mesmo nas planicies da Palestina; assim a cidade ganhou a hegemonia na liga hanseatica, assim veio a ser a Veneza do Norte. A narração de alguns acontecimentos importantes desta historia de Lubeck póde ser de algum interesse.

A BATALHA DE BORNHOFT.

A cidade de Lubeck, debaixo da protecção especial do duque de Saxonia, Henrique o Leão, tinha ganhado um commercio brilhante, e mesmo uma força das armas consideravel. Em algumas occurrencias mais pequenas mesmo tinha tido occasião de se mostrar e exercer em guerra aberta com os Slavos e Venders vizinhos. Mas a força predominante do duque Henrique, e uma liga, que tinha feito com o Waldemar de Dinamarca, moveo o ciume dos outros principes da Allemanha; um numero consideravel delles fizerão uma liga contra elle, uma guerra de pouca significação terminou-se pela mediação do imperador Frederico I. Um descontentamento separou o rei da Dinamarca do duque Henrique; pouco tempo depois rompeo a guerra aberta entre Henrique e o imperador da Allemanha. A historia daquelles tempos he bem conhecida, Henrique, um dos principes mais poderosos, que o mundo tinha visto, Henrique o Leão, perdeo quasi tudo, quanto possuia.

O imperador Frederico perseguia o duque no mais alto norte da Allemanha. Henrique o Leão refugiou-se para a cidade de Lubeck, que tinha recebido tantos beneficios pelo duque, quando este ainda era o primeiro brilhante na corôa do imperador.

Então a cidade de Lubeck deo o exemplo mais tocante de gratidão e de devoção. Tantos duques, tantos condes e principes viravão as costas ao sol occidente da Saxonia, que antes tinha dado a vida a todos; uma unica cidade quiz succumbir com elle. Henrique fortificou tanto quanto era possivel a cidade; o exercito do imperador approximava-se, o duque, para conhecer os movimentos dos inimigos, progredio até ao rio Elbe; aqui ficou no perigo mais imminente de ser prisioneiro, apenas teve tempo de passar o rio em uma pequena embarcação, e de esconder-se na cidade de Stade, deixando a cidade de Lubeck á sua sorte.

As tropas sitiadoras se approximavão no anno de 1182. Frederico I em pessoa conduzia o exercito; estavão com elle os reis de Hungria e Bohemia, o margraff de Meidren, e outros principes e bispos; reunio se com elles uma porção consideravel de povos slavos e o duque Adolpho III de Holstein. Na cidade sitiada estavão os cidadãos valerosos, e um numero consideravel de tropas saxonicas e outras ao mando do conde Simão de Tecklenburg, homem muito assigoalado por coragem e experiencia. O imperador não suppunha, que a cidade quizesse resistir; julgava, que a vista do exercito inimigo os cidadãos se renderião; mas enganou-se; a cidade se defendia com uma coragem digna do nome de seu grande protector, e mesmo, quando o irmão do rei da Dinamarca Waldemar veio com uma frota brilhante em soccorro do imperador, a cidade não póde ser tomada. Faltavão já os mantimentos, mesmo a coragem afrouxava um pouco! o senado mandou o bispo de Lubeck ao quartel do imperador; nos termos mais tocantes elle explicou a posição da cidade sitiada e a grande fidelidade dos cidadãos a Henrique. Frederico I offereceo a paz, mas tanta era a magnanimidade dos cidadãos, que dizião, que querião primeiro mandar a Henrique, para vêr, se este podia prometter soccorro, e que neste caso querião continuar a defender-se: o imperador não quiz ser menos magnanimo do que os sitiados; deo uma salva-guarda aos deputados lubequenses até ao Elba; chegárão a Stade para supplicar ao duque. Henrique o Leão chorou á vista desta prova de fidelidade; e abandonou a cidade; depois da volta dos deputados a praça se rendeo á generosidade do imperador; este confirmou todos os privilegios e direitos, que o Leão tinha dado a cidade, e fez uma entrada solemne nella. Nunca conquistador mais generoso foi recebido com mais enthusiasmo. A cidade foi posta sob o governo do duque de Holstein, e Henrique o Leão foi banido para Inglaterra.

Poucos annos depois Frederico I fez sua infeliz expedição para Jerusalem; um numero consideravel de Lubequenses, para mostrar adhesão ao imperador, o acompanhavão; os navios lubequenses e bremenses trazião munição e mantimentos para a Palestina, fazião tendas para os feridos; os cidadãos lubequenses erão principalmente estes, que se davão com a maior resignação ao tratamento dos doentes, os cavalleiros erão enfermeiros depois dos combates; assim teve principio a ordem dos hospitaleiros; o pontifice Celestino III, a confirmou, e assim se desenvolveo a ordem dos cavalleiros allemães, uma das mais poderosas associações, que jámais teem existido.

De repente Henrique o Leão voltou da Inglaterra, apoderou-se de Holstein e tomou a cidade de Lubeck. O conde de Holstein, Adolpho III, que tinha recebido o protectorado da cidade, voltou da terra santa, e expulsou as tropas de Henrique. Este ultimo, depois de ter visto tantas vicissitudes da grandeza, reconciliou-se com o successor do Frederico I, morto na Palestina, e expirou no anno de 1195. No anno seguinte um numero de 400 Lubequenses acompanharão o conde Adolpho de Holstein para a terra santa; mas voltarão ja no anno seguinte. Este anno principiou a ser muito critico para a cidade de Lubeck, que longe de ficar enfraquecida por tantos vexames, sempre desenvolveo mais as suas forças Adolpho de Holestein rompeo com o rei da Dinamarca, Canuto. Seu irmão Waldemar da Dinamarca fez uma guerra muito feliz em Holstein; apoderou-se do paiz, e tomou a cidade de Lubeck. Pouco depois Adolpho III de Holstein foi feito prisioneiro, e promettendo de ficar quieto no seu condado hereditario de Schemmburg, ganhou a liberdade com a perda de Holstein

Vinte cinco annos a cidade perseguida gemeo debaixo da usurpação dinamarqueza, e para chegar ao cumulo da desgraça ficou reduzida quasi inteiramente a cinzas por um incendio no anno de 1209.

Nesta dupla miseria o animo dos cidadãos mostrou-se na maneira mais brilhante; no meio das cinzas, no meio dos vexames dos soldados dinamarquezes, as casas se levantárão mais bellas, a concordia civil consolidou-se, e só faltava uma occasião de expellir os conquistadores orgulhosos. No mesmo tempo, que os Lubequenses edificavão as casas, os Dinamarquezes construião um castello forte e bem defendido, para conter a cidade na obediencia e no respeito. Waldemar tinha tomado posse do throno da Dinamarca, o territorio dinamarques se estendia desde a ilha de Rugen até a Suecia; não existia quasi nenhum principe mais poderoso; nenhum era mais cavalleiro, mais valeroso do que elle; a historia deo-lhe o nome bem merecido do grande, do intrepido; mas este bello nome perdeo do seu valor, quando o rei entrou em conflicto com a cidade de Lubeck.

O orgulho dinamarquez era insoffrivel para os principes allemães, que se achavão debaixo da soberania de Waldemar, e todos esperavão só uma occasião de se subtrahir ao jugo tyrannico. Esta occasião veio! — Um castigo, que Waldemar tinha executado contra o conde de Schwerin Henrique, fez este ultimo o inimigo mais acerbo do rei. Um dia, quando Waldemar estava na caça sobre uma ilha pequena, o conde apoderou-se do usurpador e o levou prisioneiro para o castello de Schwerin. Este golpe era decisivo para o norte da Allemanha, comprehendida sob o nome de Nordalbingia; em quanto o imperador e mesmo o pontifice fazião tudo para procurar a liberdade ao rei captivo, um grande numero dos principes, submissos á soberania dinamarqueza, se declarava independente, erão principalmente o conde de Schwerin, o conde de Schaumburg, Adolpho IV, filho de Adolpho III, duque de Holstein, o bispo de Bromen e o principe Burewin Mechlemburg: o conde de Schumburg apoderou-se mesmo do Holstein e da cidade de Hamburgo.

Lubeck ainda gemia. No segredo mais profundo os cidadãos mandárão uma deputação ao imperador Frederico II, occupado nas desordens da Italia. A cidade recebeo uma carta imperial muito benevola, o imperador prometteo uma protecção especial, dando ordens certas de soccorro aos principes supramencionados, que se tinhão ligado contra o rei Waldemar. Mas antes de fazer uso destas ordens, os cidadãos achavão uma occasião favoravel para expellir os usurpadores.

Era um costume em Lubeck de celebrar, no 1.º de maio, a festa da primavera fóra das portas da cidade. Tambem no anno de 1226 celebrou se esta festa; os soldados dinamarquezes se divertião com os opprimidos o governador do castello tambem tinha sahido da cidade, sendo nomeado o rei da festa. Em quanto tudo estava assim prazer e alegria, de repente desappareceo a bandeira dinamarqueza do castello, alguns cidadãos patriotas tinhão-se apoderado do castello, o espirito de vingança veio sobre os maltratados Lubequenses, a festa mudou-se em uma peleja sanguinolenta, apenas salvou-se o governador com os restos dos Dinamarquezes. Respirava pela primeira vez a cidade um ar livre depois de tantos annos de uma tyrannia e oppressão humilhante. Mas quanto foi o terror de todos, quando de repente um raio do céo azul, Waldemar o grande, o Leão irritado appareceo livre. A vingança era o unico pensamento deste principe reputado até então invencivel; apoderando-se de uma parte de Holstein, tomando a fortaleza de Rendsburg, e reduzindo a cinzas a cidade Itzehoe, dirigio o golpe mais forte contra a cidade de Lubeck; já não se tratava mais da liberdade desta cidade; mas da existencia della. Nunca tinha apparecido maior perigo sobre a velha cidade, nunca ella mostrara maior heroismo. Os principes de Nordalbingia mandavão tropas de soccorro a Lubeck, todos os cidadãos, tudo quanto era capaz de carregar armas, se reunio para se sacrificar á morte de heróes, porque a esperança de uma victoria parecia quasi um sonho A historia repetio ainda uma vez o grande sacrificio das Thermopylas, mas a providencia desta vez foi benigna. O burgo-mestre Alexandre de Soltwedel em pessoa conduzia o exercito, para encontrar-se com o de Waldemar, e para decidir novamente, se uma grande parte da Allemanha devia cahir no poder dos Dinamarquezes, e se a cidade de Lubeck devia desapparecer de entre o numero das cidades existentes. Os Romanos raras vezes teem combattido tanto *pro aris et focis.*

O exercito tinha chegado até a planicie deserta de Bornhoft no centro de Holstein, esperando dous dias o rei dinamarques; o dia 22 de junho de 1227 era o momento importante, que devia trazer as mais graves consequencias, tanto para Dinamarca quanto para a Allemanha. Logo apparecendo o sol deste dia, o mais comprido do anno, o conflicto principiou! Waldemar combatia por vingança, combatia por gloria, Soltwedel pela existencia; ambos merecião ser adversarios; de ambos os lados se fizerão maravilhas de bravura. Já estava o sol no zenith, e dardejava uma luz abrazadora, e ainda assim ninguem fugia, ninguem perseguia. Infelizmente por um movimento das tropas dinamarquezas a posição dos Lubequenses ficou tal, que o sol batia sobre a cara dos guerreiros, tudo parecia perdido As chronicas contão que no calor do combate e do desespero, Alexandre de Soltwedel invocou a Santa Maria Magdalena, promettendo-lhe um convento na cidade de Lubeck, e que ella tinha coberto o sol de nuvens espessas; o facto he que na verdade o sol ficou escurecido por nuvens, o que ainda uma vez levantou a coragem das tropas. Waldemar perdeo um olho, e cahio do cavallo; com elle cahio o animo dos Dinamarquezes; fugirão, e o sol occidente vio a occupação do campo da batalha pelos Lubequenses.

Assim Waldemar perdeo o nome e o nimbo do invencivel, assim o burgo-mestre Soltwedel inscreveo o seu nome eternamente no livro da historia e da gloria. No lugar do castello dinamarquez em Lubeck os cidadãos construirão um convento a Santa Maria Magdalena por tel-os protegido, e cada anno o dia 22 de junho era uma festa solemne, que solemnisou se pela ultima vez no anno de 1827.

Pouco tempo depois Waldemar fez ainda uma expedição sobre Holstein Ainda uma vez as tropas alliadas de Lubeck, Schverin e Holstein sahirão para repetir o dia de Bornhoft. Mas Waldemar, não querendo expôr mais a reputação e o seu olho, retirou-se devastando todo o paiz.

Em fim Waldemar concluio a paz com a gloria perdida: perdeo ainda o Holstein, Stormaru, Wagrieu Mecklemburg, Pommern, Lubeck e Hamburgo. De todas as possessões allemães não ficou mais nada á corôa da Dinamarca, senão o Ruejen.

Assim a cidade de Lubeck ganhou a liberdade e uma gloria immensa; o imperador allemão lhe mandou ainda alguns privilegios especiaes em favor do commercio, e a cidade marchava com passo firme para diante, e em poucos annos foi ella a cabeça de uma das ligas mais poderosas, que jamais teem existido. Mas Waldemar não podia esquecer-se da ferida mortal, que a cidade lhe tinha feito. O conde Adolpho IV de Holstein, filho de Adolpho III, que já conhecemos como protector da cidade, exigio os mesmos direitos sobre os Lubequenses, que seu pai tinha tido; denegados estes, o conde declarou a guerra a cidade e se ligou ao rei Waldemar, não obstante que este rei tinha um odio mortal contra o conde. O rei desta vez tinha excogitado um plano engenhoso e terrivel contra os Lubequenses. Mandando tropas por terra, elle mesmo conduzia uma frota brilhante ao rio Trave, o porto da cidade de Lubeck. O rio mesmo ficou impraticavel, fechou-se a entrada com cadeias, mastros, etc. Mas um navio lubequense, entrando com o vento em popa, rompeo tudo Então Waldemar mandou carregar um navio grande com areia e pedras, e mergulhou este em um lugar do rio, aonde a agoa era bastante baixa. A communicação com o mar ficava destruida para sempre, e a ruina da cidade parecia inevitavel. Mas a coragem dos cidadãos não se abatia. Os vencedores de Bornhoft sahirão com enchadas e outros instrumentos, e em quanto uma parte delles repellia os Dinamarquezes, os outros abrirão um novo canal: o rio, que justamente estava bastante cheio, se precipitou com violencia pelo novo leito, e a communicação foi restabelecida. Em fim Waldemar fez construir na Dinamarca 8 navios para serem mergulhados no rio velho e novo; mas na viagem um temporal dispersou a frota.

Estas tentativas continuadas contra a sua cidade provocárão a resolução firme do senado lubequense, de atacar o rei, em lugar de se deixar atacar por elle. Corajosos pela batalha de Bornhoft, confiados na protecção de Deos, que já tinha feito tantas maravilhas em favor da cidade, e certos na justiça da empreza, os Lubequenses, que ainda não tinhão combatido por mar, armárão os seus navios, e forão procurar o inimigo no alto mar. A frota dinamarqueza bordejava nas costas de Mecklemburg, muito mais forte em navios e em soldados; não obstante os Lubequenses atacárão os Dinamarquezes. A batalha naval foi vivissima; os Lubequenses tomárão com trabalho immenso cinco navios inimigos, que ficárão incendiados, alguns outros, perseguidos, derão á costa; emfim animados por tanto successo, os Lubequenses atacárão o maior navio dinamarquez, que tinha 400 pessoas de tripolação. O navio foi tomado, o rei salvou-se com muito perigo; as embarcações tomadas, que antes tinhão causado tanto susto no porto de Lubeck, forão conduzidas em triumpho para o Trave Poucos navios da brilhante frota dinamarqueza voltárão para a Dinamarca. Nesta acção naval os Lubequenses erão ajudados só por alguns navios mecklemburguezes. Foi a primeira batalha naval, que estes cidadãos derão.

Esta dobrada calamidade abateo o animo e o orgulho de Waldemar. Nunca mais mostrou-se em campo aberto contra a cidade de Lubeck. O conde Adolpho IV tambem resignou os seus direitos sobre a cidade, e se fez frade, cantando a sua primeira missa em uma igreja de Lubeck mesmo.

Nunca a cidade de Lubeck ganhou maior gloria e esplendor do que pelas guerras com Waldemar: logo depois formou-se a liga Hanseatica; Lubeck ainda se tornou mais poderosa pela sua reunião com muitas outras cidades, em quanto até então tinha combatido quasi sósinha.

DR. ROBERTO LALLEMANT.

(*Minerva Brasiliense.*)

COMMERCIO.

Alfandega.

RENDIMENTO DO DIA 29..............5:429$222

Descarregaõ hoje 30.

Brigue—*Cinthia*—bacalhão.
Barca—*Affonso I.*—mercadorias.
Barca—*Preciosa*—idem.
Patacho—*Venus*—fumo.

IMPORTAÇÃO.

CYNTHIA, brigue inglez, vindo de Terra-Nova, entrado no corrente mez, a consignação de James Crabretree & C., manifestou o seguinte:

2800 barricas com 2800 quintaes de bacalhão; aos consignatarios.

Movimento do Porto.

Navio entrado no dia 29.

Assú; 12 dias, sumaca brasileira *Felicidade*, de 70 toneladas, capitão José de Freitas, equipagem 10, carga sal, palha e couros; a Antonio Joaquim de Souza Ribeiro Passageiros, Francisco Pereira de Oliveira, José Joaquim Pescador, Francisco Feliz Nogueira, João Clementino Sodra, Brasileiros.

Editaes.

- O Illm. Sr. inspector da thesouraria das rendas provinciaes manda fazer publico, que, em virtude da ordem do Exm. Sr. presidente da provincia, de 17 do corrente, irão pela terceira vez á praça, para serem arrematadas a quem por menos fizer, as obras das cadeias da cidade de Goianna, e da villa do Brejo, as desta orçadas em 6:448$337 réis, e as d'aquella em 7:903$392 rs.

Os licitantes, devidamente habilitados, deveraõ comparecer na sala das sessões da thesouraria no dia 9 de janeiro proximo futuro, ao meio dia.

Secretaria da thesouraria das rendas provinciaes de Pernambuco, 18 de dezembro de 1845.

O secretario,
Luiz da Costa Portocarreiro.

= O Illm. Sr. inspector da thesouraria das rendas provinciaes manda fazer publico, que, em cumprimento de ordem do Exm. Snr. presidente da provincia, desta data, irá novamente á praça no dia 30 do corrente, ao meio dia, para ser impreterivelmente arrematada por tempo de 9 mezes, a contar do primeiro de janeiro á 30 de setembro de 1846, a taxa da barreira da ponte do Caxangá, pelo preço annual de 1:500,000 rs, já offerecido.

Os licitantes, devidamente habilitados, compareção na sala das sessão da mesma thesouraria no dia e hora indicados.

Secretaria da thesouraria das rendas provinciaes de Pernambuco, 24 de dezembro de 1845.

O secretario,
Luiz da Costa Portocarreiro.

Declarações.

AVISO IMPORTANTE AOS COLLECTADOS.

O administrador da mesa da recebedoria das rendas geraes internas, tendo por muitas vezes annunciado pelos *Diarios*, convidando aos collectados do bairro do Recife, Santo Antonio, Boa-Vista, e Afogados para virem pagar a taxa de escravos, imposto do banco, seges e carrinhos, decima de mão morta, ninguem tem comparecido para pagar, resultando desta omissão despezas e incommodos para os collectados; e por isso pela ultima vez annuncia, convidando a todos para virem pagar, pena de se proceder a executivo em janeiro proximo vindouro: e para que chegue a noticia a todos, faço o presente annuncio. Recebedoria, 15 de dezembro de 1845.

Francisco Xavier Cavalcanti de Albuquerque.

—O arsenal de guerra compra azeite de carrapato, dito de côco, fio de algodão, e pavios; quem taes generos tiver para vender, mande as suas amostras e proposta, em carta fechada, a directoria do mesmo, nos dias 30 do corrente e 2 de janeiro do anno futuro. Directoria do arsenal de guerra, 29 de dezembro de 1845.

O escr pturario,
Francisco Serafico de Assis Carvalho.

LAR ENCONTRADO

Avisos maritimos.

— Para o Rio-de Janeiro sahirá, com muita brevidade, o muito veleiro patacho brasileiro *S.-José-Americano*: quem no mesmo quizer carregar, remetter escravos a frete, ou ir de passagem, entenda-se com Gaudino Agostinho de Barros, na rua da Cruz, n. 66, ou com o capitão a bordo.

= Para o Rio-de Janeiro segue, com brevidade, o brigue nacional *Phenix*; tem a maior parte do seu carregamento prompta a para o resto, e passageiros, (para os quaes offerece excellentes commodos) e escravos, trata-se na rua da Moeda, n. 7, com Leopoldo José da Costa Araujo.

— Sahirá, com muita brevidade, o brigue portuguez *Primavera*, de que he capitão José Carlos Ferreira Soares, por ter parte de sua carga prompta: quem nelle quizer carregar, dirija-se ao dito capitão, ou ao consignatario Antonio Joaquim de Souza Ribeiro.

Avisos diversos.

RAPÉ DE GASSE.

São chegadas a este deposito, rua da Cruz, n. 38, as qualidades de rapé seguintes: — princeza fino, dito meio grosso, dito grosso e principe o mais fresco e superior, que he possivel ser.

Loteria de S. Pedro Martyr de Olinda.

Os bilhetes desta loteria achão-se a venda nos lugares do costume. Brevemente será annunciado o dia impreterivel do andamento das rodas.

= N. G. Bez vai ao Pará tratar de seus negocios.

= Aluga-se uma casa terrea na rua Bella, com duas salas, 3 quartos, cozinha fóra, quintal e cacimba: a tratar na rua do Collegio, n. 15, segundo andar.

— Em casa de Francisco José de S. Anna, com olaria no Aterro-do-Giquiá, appareceo no dia 25 do corrente, um preto de nome Antonio, que diz pertencer ao Sr. Gonçalo Nogueira da Costa, de Pajaú; o que se faz publico para conhecimento de quem pertencer, não se responsabilisando o annunciante pelo dito escravo.

— Aluga-se o sobrado, n. 4, sito no largo do Hospital do Paraizo; todo ou separado: a tratar na rua do Crespo, loja de Santos Neves, ou no largo do Carmo, n. 5.

— Aluga-se o primeiro andar da casa n. 55, da rua da Cruz: a tratar na mesma casa.

= A quem for offerecido um relogio patente inglez, de prata dourada, da fabrica de Roskel, e que por signal tem o vidro rachado em meio circulo, o póde apprehender como furtado, que foi no dia 28 do corrente, junto com um trancelim de ouro, um chapeo do Chile, e dous ditos de sol, e leva-lo a rua larga do Rosario, n. 46, primeiro andar, que será generosamente gratificado, e se guardará segredo.

= Fugio, no dia 23 do corrente, a noute, um boi, tendo arrebentado a amarração, em que estava amarrado; cujo boi he manço de carros, veio do engenho Camorim, no mesmo dia, de onde he filho, e tem os signaes seguintes: está em grão, gordo, comprido, tem as orelhas parte cortadas, cabeça grande, chifres curtos e bem rombudos, côr parda; suppõe-se ter-se dirigido para a estrada de S. Lourenço: qualquer pessoa, que delle souber, fará o favor de dar parte no mesmo engenho Camorim, ou no Aterro-dos-Afogados olaria de Alvaro Jordão, ou na rua do Queimado, loja de ferragens, n. 4, que se gratificará.

= A pessoa, que perdeo uma bengala, com castão de ouro, dirija-se a rua do Sebo, n. 10, que, dando os signaes certos das lettras iniciaes, que tem o mesmo castão, lhe será entregue.

= Hypolito Saint-Martin, com loja na rua Nova, e, como já sabe toda a população desta cidade, roubado, na noute de 20 para 21 do corrente, dos objectos já annunciados pelos *Diarios* ns. 287 e 288, offerece a qualquer pessoa, que der noticia da burra e do dinheiro, que estava dentro della, bem como das fazendas, metade do roubo.

— José Soares Pinto Correia faz publico, que não he mais seu caixeiro, desde o dia 27 do corrente, o Sr. Casimiro Fernandes da Silveira Chavane.

— Dão-se 2:000$000 de rs. a juros, com hypotheca, ou com penhores de ouro e prata, mesmo em pequenas quantias; na rua da Praia, n. 22.

— Aluga-se a loja da rua do Queimado, n. 14, por preço commodo: a tratar na mesma rua, lojas, ns. 18 e 33.

— Precisa-se de um caixeiro para padaria, que seja habil para a tomar por balanço; no pateo da S. Cruz, n. 6.

— Na rua da Gloria, n. 37, precisa-se de uma ama para fazer o serviço de uma casa de homem solteiro.

— Antonio Ferreira Braga embarca para o Rio-de-Janeiro os seus escravos Luiz, preto, e Severo, cabra.

= No dia 28 para 29, furtárão do armazem, n. 36, da rua do Trapiche, o seguinte: — 1 sacco com 10 camizas finas, brancas e de côr, com um pedaço accrescentado na folha de detrás, 8 pares de calças finas, brancas e de côr, 1 casaca de bretanha, 1 colete branco tanto o colete como a casaca não teem botões, mas sim ilhoses para os ditos, 9 pares de meias, 2 toalhas adamascadas, 2 lenços de sêda, 1 encarnado e outro branco com palmas da mesma côr, 13 patacões, 6 shellings e meio, e meio crown, moeda ingleza, em prata; portanto roga-se as pessoas, a quem estes objectos forem offerecidos, de os apprehender, que serão gratificadas com 20$ rs., ou participar no dito armazem.

—Um moço francez, chegado, ha pouco tempo, que sabe perfeitamente a sua lingoa, se offerece a dar lições a alguns rapazes, que tenhão tido alguns principios de francez: quem de seu prestimo se quizer utilisar, dirija-se ao Aterro-da-Boa-Vista, loja de ferragens do Sr. Dubarry, que indicará a pessoa.

—Precisa-se de um caixeiro para tomar conta de uma venda, dando fiança a sua conducta: no Corredor do Bispo, n. 8.

Abre em cobre toda a qualidade de desenho, de architectura, ornatos, figuras, todas as qualidades de caracteres, e bilhetes de visita, sinetes, lavôres em ouro e prata, e firmas em objectos de uso.

Os senhores, que desejarem qualquer obra neste genero, ou fazer abrir titulos de livros, de cartões para escriptorio, ou outra qualquer obra em manuscripto com lettras ornadas, ou vinhetas e lavôres, tenhão a bondade de dirigir-se ao dito artista, que tambem dá lições de calligraphia moderna, tudo por modico preço.

— Precisa-se de um caixeiro para engenho, que dê fiador a sua conducta: no Engenho-Novo da Moribeca.

= Offerece-se um homem muito habil para caixeiro de qualquer negocio, na praça, ou no matto, e que dá fiador a sua conducta: quem de seu prestimo se quizer utilisar, dirija-se a rua da Praia, n. 9.

— Aluga-se um sobrado de um andar e sotão, sito na rua da Senzalla-Velha: a tratar na praça da Independencia, n. 28.

— Precisa-se de 500$ a 600$ rs. a premio, com urgencia; dão-se por garantia 5 escravos livres e desembaraçados, aqui na praça: quem quizer dar, annuncie.

—Aluga-se uma casa terrea na rua atrás da matriz da Boa-Vista, com duas salas, 6 quartos, corredor ao lado, e com quintal murado: a tratar na rua da Aurora, n. 58.

— Aluga-se uma casa de sobrado de 4 andares, na rua do Trapiche, com muito boa vista para o mar, muito fresca, e com um grande armazem: a tratar na rua da Aurora, n. 58.

— Antonio Carlos Ferreira Soares declara, que, tendo recebido da cidade da Bahia, a primeira via da lettra de 300$ rs., saccada pelos Srs. Antonio Pereira Espinheira & Companhia, daquella cidade, sobre o Sr. José Marcellino da Roza, desta cidade, a vencer-se a 15 dias precisos, depois de acceita por o dito Sr. Roza, a transferira o declarante, por endosso em branco, aos George Kenworth & Companhia; as quaes, com o mesmo endosso em branco, no dia 24 do corrente dezembro, a mandárão apresentar por seu caixeiro Thomaz Ignacio Garret, ao acceitante para pagar: e sendo apresentada em occasião, que o dito acceitante estava na rua, este pedio ao dito caixeiro, que tornasse mais tarde a sua casa para receber, e nesta occasião, dirigindo-se o referido caixeiro para casa do declarante, nessa direcção perdeo a referida lettra, de maneira que deo por sua falta na casa do declarante; sendo por isso, que para a cautelar algum artificio, o direito dos Srs. Kenworth & Companhia, e o prejuizo do Sr. Roza, o declarante affirma por o presente, que a referida lettra saccada por os ditos Srs. Antonio Pereira Espinheira & Companhia, na cidade da Bahia, em 24 de novembro do corrente anno, sendo a primeira via sobre o Sr. José Marcellino da Roza, a 15 dias precisos, a favor do declarante, sómente foi por este endossada em branco, depois de acceita por o indicado Sr. Roza, aos Srs. Kenworth & Companhia, e a ninguem mais, e todo o endosso escripto a favor de outra qualquer pessoa, ou mesmo o endosso em branco do declarante, sendo apresentado por outrem, não he legal, e o Sr. Roza não deve paga-la senão aos Srs. Kenworth & Companhia.

— Precisa-se de um caixeiro, de 12 a 14 annos, que dê fiador a sua conducta; na rua Direita, refinação, n. 10.

— Preciza-se de uma ama de leite: na rua da Cadeia do Recife, n. 6.

— Quem tiver apanhado um conclis (passaro), muito manso, que fugio no sabbado para o lado da rua da Aurora, e o quizer restituir, dirija-se a esta typographia, que será bem recompensado.

— Acha-se prompta para se alugar a casa n. 118, na rua de Hortas, caiada, e com bons commodos para familia, além de um grande quintal, que deita para a rua do Caldeireiro, por detrás dos Martyrios: os pretendentes, dirijão-se a rua do Vigario, n. 5, onde está a respectiva chave.

Compras.

= Comprão-se dous pardos, de idade de 14 a 22 annos; pagão-se bem: na rua Direita, n. 3.

— Comprão-se dous cachorros de fila, que sejão grandes e bons; na rua Nova, n. 10.

— Compra-se um relogio bom regulador, que não seja caro; na rua larga do Rosario, loja de miudezas, n. 35.

= Compra-se um preto possante, até 25 annos: na rua da Penha, venda por baixo do sobrado do coronel Joaquim Bernardo.

= Compra-se uma commoda pequena e uma marqueza em bom uso, sendo por preço commodo, annuncie.

Vendas.

FOLHINHAS
DE
Porta e Algibeira
PARA
1846.

Vendem-se na praça da Independencia, loja de livros n. 6 e 8; na rua da Madre de Deos, venda da esquina defronte da igreja; na Boa-Vista, defronte da matriz, botica do Sr. Moreira; no pateo do Collegio, loja de livros da esquina; e no largo do Terço, venda n. 7; em Olinda, botica da rua do Amparo, e loja do Sr. Domingos, nos Quatro Cantos.

= Vende-se a lista geral da segunda parte da 16ª loteria do theatro; na praça da Independencia, livraria, ns. 6 e 8.

= Vende-se um porta-licor em sua competente caixa de faia envernisada, muito boa obra, por preço muito commodo: na rua de Hortas n. 62.

= Vende-se um bilhar novo, com os seus pertences; na rua da Cruz, n. 18.

= Vende-se chá muito superior, em caixas de 6 libras; em casa de L. G. Ferreira & Companhia.

= Vende-se uma parda, de 25 annos, de boa figura, engomma, cozinha e lava de sabão; 3 escravas de nação, duas de 25 annos, e a outra de 30 annos, cozinhão, lavão de sabão e são optimas quitandeiras; um escravo de nação, de 40 annos, optimo padeiro: na rua das Cruzes, n. 22, segundo andar.

= Vende-se polpa de tamarindos, bem acondicionada, em ancoretas de 4 arrobas; barris de doce de cajú, pitanga, groselha, ananazes, sidrão, laranja, mangaba e calda de tamarindos, muito bem feito; na rua do Trapiche, n. 38.

Chapeos do Chile.

Os mais superiores, que hoje ha no mercado, vendem-se na rua larga do Rozario, loja de miudezas, n. 24.

— No armazem de Fernando José Braguez, ao pé do arco da Conceição, vendem-se caixas com folhas de Flandres, muito bem sortidas, por preço commodo.

Rapé de Lisboa.

= Vende-se, na praça da Independencia, n. 4, chegado proximamente, a 40 rs. o bote.

= Vende-se uma cabra bicho, de fóra, com cria e leite; na Soledade, n. 29.

= Vende-se farinha superior, chegada recentemente de S. Catharina, vende-se pela medida velha aos alqueires, meios e quartas, por preço muitissimo barato, e conforme as porções se fará proporcional abate: a bordo do brigue *Sagitario*, ancorado proximo a ilharga do caes do Passeio-Publico. Abater-se-ha 160 rs. por alqueire aos compradores, que chamarem e forem conduzidos pela canoa do referido brigue.

A 4$800.

Saccas de farelo de tres arrobas cada uma, chegadas ultimamente: no armazem de Braguez, ao pé do arco da Conceição, e no de Guimarães, no caes d'Alfandega.

RUA DO COLLEGIO,
Loja n. 1.

Vendem-se superiores gravatas de setim preto a 800 rs.; casimiras, das mais modernas, a 1,200 e 1,400 rs. o covado; panno fino, preto e azul, a 2,500 rs.; meias de senhora a 280 rs. o par; chitas de todas as qualidades, de 120 a 300 rs.; madapolões, de 140 a 280 rs.; córtes de chitas de todas as qualidades, e do melhor gosto, superiores riscados francezes, à polka, a 360 rs. o covado; e outras muitas fazendas, já annunciadas neste *Diario*: na mesma loja acima.

= Vende-se uma balança decimal, capaz de pesar 2000 libras; na rua da Cruz, n. 55.

= Vende-se potassa muito nova, e de superior qualidade, em barris pequenos: na rua da Cadeia do Recife, armazem de assucar, n. 12.

--- Vende-se vinagre branco nacional, a 400 rs. a canada velha: na fabrica da rua Imperial, n. 7; rua Direita, n. 53, venda de M. Miranda; no Aterro-da-Boa-Vista, fabrica de licores de Frederico Chaves; e na rua do Trapiche, armazem de molhados do Nicolle.

No caes do Collegio, n. 9

existe um novo armazem com farinha de S. Matheus e milho, tudo, tanto a retalho como em porções, e mede-se a vontade dos compradores, medida velha rasa, ou caculada como de matuto, e por menos do que em outra qualquer parte: os pretendentes dirijão-se ao mesmo armazem, ou a rua da Cruz, n. 54, a fallar com Manoel Antonio Pinto da Silva.

= Vendem-se moendas de ferro para engenhos de assucar, para vapor, agoa e bestas, de diversos tamanhos, por preço commodo; e igualmente taixas de ferro coado e batido, de todos os tamanhos: na praça do Corpo Santo, n. 11, em casa de Mc. Calmont & Companhia, ou na rua de Apollo, armazem, n. 6.

= Vende-se [illegible] da Bahia, de superior qualidade; na rua da Cruz, n. 55.

Aos pais de familia.

— Na loja de bom barateiro de Guerra Silva & C., na rua Nova, n. 11, vendem-se sapatos de setim branco e de côres para senhora, a pataca o par, e de marroquim preto e de côres para meninas, pelo mesmo preço de 320 rs. o par.

= Vende-se um bom cavallo, muito novo e com bons andares: nas Cinco-Pontas, padaria, n. 63.

= Vendem-se 200 canadas de azeite de peixe, e uma porção de cobre velho; nesta typographia se dirá.

= Vende-se sal do Assú, e palha de carnaúba; a bordo do brigue *Soares*, ou a tratar com Gaudino Agostinho de Barros, na pracinha do Corpo Santo, n. 66.

= Vendem-se sapatos abotinados francezes para homem, a 3200 rs.; ditos de lustro para meninas, com fitas, a 800 rs.; chiquitos para meninos e meninas, a 120 rs.; borzeguins de ponta de lustro, a 3200 e 4$ rs.; ditos gaspeados, a 3500 e 6$ rs.; chinellas de marroquim para senhora, a 1000 e 1200 rs.; ditas de tapete, a 1000 rs.; e outras muitas qualidades, por preço commodo: na rua da Cadeia do Recife, n. 35, defronte do cambio.

—Vende-se excellente doce de goiaba de raminho; dito muito superior, de banana; dito de goiaba; dito de cajú; dito de araçá; dito de laranja; dito de limão; dito de cajú com calda; dito de mamão: na rua do Crespo, n. 14, terceiro andar, e na rua das Cruzes, venda de João Jacintho Moreira.

= Vendem-se meias pipas de vinho de Bordeaux, muito superior; no caes da Alfandega, armazem de Dias Ferreira.

= Vende-se sola e bezerros surrados e por surrar; couros miudos, e caixas de tartaruga feitas no Aracaty: na rua da Cruz, n. 26.

— Vendem-se 6 escravos de bonitas figuras, sendo 4 negros de idade de 18 a 22 annos, e dous mulatos de idade de 14 a 18 annos, todos com algumas habilidades: na rua da Cruz, venda, n. 9.

= Vende-se sal do Assú, a bordo da sumaca *Felicidade*, chegada proximamente do Assú: a tratar com Antonio Joaquim de Souza Ribeiro.

— Vende-se muito boa farinha de Trieste, da marca SSSF; no pateo da S. Cruz, padaria, n. 6.

— Vende-se um moleque, de idade de 9 a 10 annos, muito sadio e fiel; na rua do Caldeireiro, n. 48.

= Vende-se potassa americana, ultimamente chegada, em barris grandes e pequenos; lenços pretos, de seda da India; setim preto de Macáo; velas de espermacete, de 4, 5 e 6 em libra; cera amarella; algodão grosso para saccos; tudo por preço commodo: em casa de Matheus Austin & Companhia, na rua da Alfandega-Velha, n. 36.

= Vende-se superior vinho da Madeira, em ancoretas de almude; na rua do Vigario, n. 19.

Escravos Fugidos.

— Fugio, no dia 10 do corrente, do engenho Aurora, em Porto Calvo, outr'ora Agoa-Fria, o cabra Honorio, com os signaes seguintes: baixo, côr cabra-claro, olhos brancos, cabellos pichaim, maçãs altas, cara redonda, pernas finas, nariz chato, mãos e pés proporcionados, barba em conta; representa ter 22 a 24 annos; levou camisa e ceroulas de algodão grosso, branco, chapeo de carnauba velho e uma trouxa: quem o pegar, leve em Pernambuco a casa de Tiburcio Vallerianno Baptista, ou a rua da Cadeia do Recife, n. 60, ou ao dito engenho a cima, que será generosamente recompensado.

— Fugio, as 7 horas da noute do dia 26 do corrente, uma parda de nome Anna, natural do Ceará, de idade de 30 annos, de boa estatura, côr tostada; tendo sido bastante clara; cabellos crescidos, olhos grandes e amortecidos, dentes abertos, ou limados, espaduas largas, mãos e pés grandes, andar apressado e sacodido; levou vestido de chita azul, novo, e um panno branco na cabeça, e descalça: quem a pegar, ou souber onde ella está, dirija-se a rua da Aurora, sobrado de dous andares, n. 12, que será recompensado.

= Fugio o escravo Salvador, de nação Costa, representa ter 40 a 50 annos de idade, secco do corpo, bastante alto, não dobra o dedo minimo de uma das mãos, e tem os pés grossos: quem o pegar ou der noticias na rua do Crespo, n. 11, receberá uma recompensa proporcionada ao seu trabalho.

= Fugio, no dia 10 do corrente, do sitio do Arraial, da viuva de João Carlos Pereira de Burgos Ponce de Leon, o escravo Domingos, de nação, com os signaes seguintes: baixo, cheio do corpo, representa ter 40 annos de idade, cabeça um tanto grande, rosto redondo, olhos vermelhos e abotoados para fóra, beiços grossos, sendo o inferior foveiro, e tambem uma das mãos; tem as costas talhadas com a marca de sua nação; padece de frialdade; falla atrapalhado, que pouco se percebe; bebe ago'ardente; levou uma trouxa com roupa sua, que constava de camisas e ceroulas ordinarias; gosta muito de fazer umas calças de ganga azul e uma jaqueta de panno fino, que fez de uma sobre-casaca; foi escravo em S. Maria no Buique: quem o pegar, leve ao dito sitio do Arraial, a sua senhora, ou no Recife, na esquina do Livramento, n. 1, a casa de seu filho, Antonio Carlos Pereira de Burgos Ponce de Leon, que recompensará generosamente.

= Fugio, em novembro p. p., um preto crioulo, de nome Julião, [illegible], altura regular, cheio do corpo, côr bem preta, pouca barba, com um branco de cabellos abaixo do pescoço; levou dous surrões de couro de bode, patrona atada a cintura, e chapeo de palha: quem o pegar, leve a rua do Hospicio, sobrado, n. 1.

= Fugio, pelas 7 horas da noute do dia 26 de dezembro de 1845, do sitio do Chaguão, uma preta de nome Josepha, de nação Caçange, de idade de 40 e tantos annos, estatura regular, cheia do corpo, cara larga, ventas arregaçadas, barriguda, quebrada do embigo, que apparece muito por fóra da roupa; tem uma costura grande do tamanho de chave, em cima da um hombro; levou uma trouxa com roupa molhada por a ter lavado nesse dia, dous pannos da Costa, um grande embainhado, e outro estreito mais usado, uma camisa ainda por acabar: consta ser casada em Nazareth aonde diz ter dous filhos, e foi vendida nesta praça por Antonio Luiz de Souza, do Brejo-da-Areia, aonde se julga estaria algum tempo: quem a pegar, leve ao dito sitio, ou na rua da Cadeia do Recife, loja de ferragens, n. 56.

PERN.; NA TYP. DE M. F. DE FARIA — 1845

MUTILADO